

CALEIDOSCÓPIO DA MEMÓRIA: A EDUCAÇÃO ANARQUISTA REDESCOBERTA NO ARQUIVO JOÃO PENTEADO

*Doris Accioly e Silva**
*Luciana Eliza dos Santos***

Resumo: O presente artigo visa divulgar resultados preliminares do trabalho de pesquisa realizado no Centro de Memória da Educação da FEUSP com base no arquivo, recém organizado, do educador anarquista brasileiro João Penteado, importante personagem da experiência brasileira das escolas modernas. Estas se espelharam nas homônimas espanholas, criadas no início do século XX pelo educador anarquista Francisco Ferrer Y Guardia, que foi morto por razões políticas em 1909, na Espanha. As Escolas Modernas ou Racionalistas constituem relevante contribuição à pedagogia libertária mundial e são inseparáveis do conjunto das práticas ácratas, em pleno vigor naquele momento histórico e cujo horizonte é a autogestão da vida social em todas as suas dimensões.

Palavras-chave: Educação anarquista. Arquivo João Penteado. Pedagogia Libertária.

Abstract: The present article aims at divulging the preliminary results of a research accomplished in FEUSP's Education Memory Center, starting from the organization of the archives of Brazilian anarchist educator João Penteado, important figure in Brazil's experience of Modern Schools. These were inspired by their Spanish homonymous, created in the beginning of XX century by anarchist educator Francisco Ferrer Y Guardia, who was executed for political reasons in 1909, in Spain. Modern Schools – or Rationalist – constitute a relevant contribution to world's libertarian pedagogy and are inseparable from the ensemble of anarchist practices, in full vigor at that historical moment, when the horizon was self-administration of social life in all its dimensions.

Keywords: Anarchist education. Archiv João Penteado. Libertarian Pedagogy.

* Professora Doutora da Faculdade de Educação da USP e pesquisadora do Centro de Memória da Educação da FEUSP.

** Mestre do Programa de Pós-Graduação em Educação da FEUSP, pesquisadora do Centro de Memória da Educação da FEUSP.

1 ANARQUISMO, EDUCAÇÃO E CULTURA

Para compreender o que foi o anarquismo no Brasil e as Escolas Modernas, seu fruto direto, é imprescindível voltar os olhos à tradição anarquista de países como Espanha, Itália e Portugal, origem da maioria dos imigrantes que trouxeram para o Brasil, para as Américas, o anarcosindicalismo e as expressões artístico-culturais e pedagógicas inerentes ao movimento anárquico desde suas origens, a despeito da pluralidade de tendências que o compõem. A capacidade de criação cultural e inovação pedagógica dos anarquistas é até hoje fonte de inspiração para educadores e movimentos sociais que buscam alternativas às escolas estatais ou privadas, aos métodos convencionais de ensino-aprendizagem, incapazes de propiciar o envolvimento amoroso com o conhecimento, condição da emancipação individual e social.

É dimensão fundamental do movimento libertário a recusa incondicional de qualquer organização política e social baseada na coação, ao lado da luta por uma sociedade em que a ordem, a liberdade e a igualdade coincidam. Para atingir tais objetivos os anarquistas, pelo menos nas vertentes majoritárias, com base no mutualismo, no cooperativismo e no anarco-comunismo insistem na inseparabilidade dos fins e dos meios na política, sublinhando que não se chega à liberdade senão por meio da própria liberdade.

O que se procurará evidenciar no presente artigo é a criação, pelos anarquistas, de uma cultura de combate e de resistência, materializada nas escolas libertárias. Cabe lembrar que essa cultura de combate também se realizava na imprensa operária, nos centros de cultura social, no teatro, na poesia e mesmo em obras científicas, como é o caso de Kropotkin¹ e Elisée Reclus.² Essa resistência cultural marca um raro momento em que as classes trabalhadoras construíram uma reflexão e um conhecimento próprios e indissociáveis das formas autogestionárias de suas lutas. Há que estabelecer aqui a diferença entre as práticas anarquistas no âmbito cultural e o chamado “realismo socialista”, que submetia a vida artística aos ditames do partido, aos interesses do Estado e da burocracia no poder, matando assim a característica essencial da criação estética, que é ser conotativa, polissêmica,

¹ Piotr Alexeievitch nasceu em 27 de novembro de 1842, em Moscou, em família aristocrática. Foi oficial do exército imperial e desligou-se do mesmo; empreendeu expedições científicas na Sibéria e na Manchúria. Desenvolveu pesquisas de zoologia e antropologia. Aderiu ao movimento anarquista tendo sido um dos fundadores do anarco-comunismo. Foi várias vezes preso na Rússia, por razões políticas. Colaborou com Elisée Reclus na redação da obra *La nouvelle Geografie Universelle*. O anarco comunismo é a vertente anarquista que mais importância dá à educação e à vida cultural. Morreu em 1921, em Moscou.

² Elisée Reclus nasceu em 1830. Assim como Kropotkin foi um dos maiores geógrafos do final do século XIX e participou da corrente anarco comunista, ao lado do mesmo. Lecionou na Universidade Livre de Bruxelas. Lutou na Comuna de Paris e percorreu a Europa, o Egito, a África e as Américas. Tanto Reclus quanto Kropotkin desenvolveram concepção análoga do processo evolutivo e do revolucionário.

aberta à permanente possibilidade de reinterpretação. Exercício de liberdade, portanto.

A fecundidade da educação ácrata expressa-se privilegiadamente na intensa criação teatral e literária, na imprensa, na proliferação dos centros de cultura, vividos como modos de ser da educação, essenciais à formação dos trabalhadores e à irradiação da visão de mundo anarquista.

Lily Litvak³ publicou vários livros, nascidos de vasta pesquisa sobre a vida cultural do anarquismo espanhol no final do século XIX e início do século XX. Essa autora fala do entusiasmo apaixonado com que os militantes se educavam mutuamente, sempre lendo algo e discutindo em grupos. Ela salienta a importância dada pelos libertários à educação e à cultura afirmando que “nunca, nenhum movimento outorgou à cultura tanto valor como os anarquistas” (2001, p.275). O caráter emancipatório das práticas culturais e pedagógicas dos anarquistas fundava-se no princípio da I Internacional, segundo o qual a libertação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores. Daí a ênfase no livre arbítrio e a afirmação do poder da inteligência e da sensibilidade humanas, a centralidade conferida à dimensão educativa e cultural, em grande parte responsável pela transformação social. Para os libertários, educação, cultura e revolução são uma unidade.

Litvak conta que nas reuniões freqüentes dos trabalhadores, liam-se obras marcantes do movimento operário, que eram depois objeto de reflexão coletiva. Os militantes não só liam inúmeras obras sociológicas, filosóficas, literárias e recreativas como tinham o hábito de socializar seus conhecimentos específicos e gerais em palestras para seus companheiros. Assim, um tintureiro falava sobre química, um pintor dava noções gerais de desenho e cor, um jovem impressor ministrava curso de gramática... A tradução de livros em vários idiomas era feita oralmente nas reuniões, permitindo a todos a fruição de textos importantes:

(...) Os anarquistas acreditavam firmemente na educação. O trabalhador consciente punha-se imediatamente a instruir-se. Sua crença era que a ausência de educação era o único motivo de impedimento para que outros operários compartilhassem suas crenças. Era comum a criação de uma escola em seus centros de cultura. (2001, p. 277)

Para os anarquistas, a educação não se limitava à infância, estendia-se pela vida afora. Realizavam-se conferências e cursos variados para trabalhadores, abrangendo todas as áreas da ciência e da cultura. Eles não só liam grandes autores como também escreviam suas próprias obras.

Uma prodigiosa atividade editorial reflete a fecundidade da vida cultural anarquista na Espanha. Inumeráveis folhetos eram publicados e seu

³ Traduições de Doris Accioly e Silva.

conteúdo abarcava desde obras clássicas do anarquismo, monografias, conferências até folhetins e novelas. Sua tiragem era surpreendente, chegando a dez mil exemplares e a 130 edições de uma mesma obra. *A Conquista do Pão*, de Kropotkin vendeu 50 mil exemplares a preços populares. Também obras científicas eram muito lidas. A característica das obras preferidas pelos libertários era sua dimensão de crítica social e insubmissão, o que incluía uma imensa gama de autores: Tolstoi, Ibsen, Octave Mirbeau, Zola, Balzac, Sue, além de Michelet, John Ruskin, Flaubert, Diderot, Rousseau, Blasco Ibanez, Heine, Victor Hugo, Tchekhov, Merimée, Nordeau, Kropotkin, Mella, dentre outros. Essa característica foi trazida para o Brasil e para a América Latina pelos imigrantes europeus que viveram a experiência cultural anarquista em seus países de origem.

Litvak sublinha a enorme importância das bibliotecas libertárias, formadas por militantes ou em Escolas e Centros de Cultura, entre elas, a das Escolas Modernas, la Tramontana, El Productor, a Biblioteca de Enseñanza Popular, a Biblioteca Contemporánea, a Libros Rojos e as de certas casas editoriais, como a Sempere de Valencia, que embora não fosse anarquista, vendia aos trabalhadores, a preços baixos, suas edições dos clássicos greco-romanos, Shakespeare, Santo Agostinho, Strindberg e tantos outros. As publicações de livros e folhetos eram intensamente anunciadas na imprensa libertária, prática comum na Europa e nos demais países onde a cultura anarquista se implantou.

Litvak (2001, p. 287) aponta ainda a relevante contribuição na difusão cultural de revistas como *Acacia*, a *Revista Blanca*, *Ciencia Social e Natura*. Nesta última, das mais importantes na vida intelectual anarquista, colaboraram Ricardo Mella, Clementina Jacquinet, primeira diretora da Escola Moderna, Anselmo Lorenzo, Donato Lubén.

Para os anarquistas a apropriação do conhecimento pelas classes trabalhadoras sempre foi uma questão essencial. Acreditavam que a transformação social só pode ocorrer realmente pela criação de formas anti-hierárquicas e desburocratizadas de organização, harmonizadas com a mudança das sensibilidades, das práticas, dos ideais e não como a troca das camadas dirigentes do Estado. Proudhon, por exemplo, defendia a politecnia na educação e uma “arte-situada”, voltadas à formação moral e intelectual dos trabalhadores.

Bakunin analisava a desigualdade de acesso ao saber como uma das mais terríveis desapropriações sofridas pelos oprimidos e uma das principais causas de reprodução da desigualdade social. Defendia a educação integral, que passou a ser incorporada pelos anarquistas como um de seus pontos centrais:

(...) o ensino total, tão completo como o que leva consigo o poder intelectual do século, a fim de que por cima das classes operárias não se encontre no futuro

nenhuma classe que saiba mais e que, exatamente por isto, possa dominá-las e explorá-las. (1989, p. 34)

O anarco-comunismo, no qual a atuação de Kropotkin foi fundamental, dará às práticas culturais e pedagógicas um papel essencial. Essa tendência será uma das principais na configuração do movimento anarquista no Brasil.

Dentre as obras mais importantes produzidas pelo anarco-comunismo estão *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*, de Elisée Reclus, e *A Ajuda Mútua*, de Kropotkin. A primeira vê uma profunda interligação entre os processos evolutivos e os revolucionários, entendidos como integrantes da vida social e cósmica, afirmando que não pode haver revolução sem evolução anterior. A expansão de tais processos exige a socialização do conhecimento.

As atitudes persuasivas, solidárias, as práticas culturais vividas como práticas pedagógicas passaram a ser cada vez mais constantes no mundo ácrata. Essas dimensões eram compreendidas como a antecipação da futura sociedade, garantindo a perspectiva de reconstrução da vida social mediante os princípios libertários, após a destruição do Estado.

Os anarquistas combateram permanentemente as instituições que consideravam como origem de toda autoridade: a Igreja e o Estado. A Igreja, por ter aperfeiçoado os meios de submissão das consciências, e o Estado, por ter usurpado o poder político inerente à vida social, transformando-o em privilégio de uma classe ou de uma casta. O poder seqüestrado passa a ser defendido pelos aparatos repressivos e reproduzido pela “violência simbólica”, como os tribunais, a escola e a indústria cultural.

Os anarquistas assumiram o trabalho de formar homens singulares com base em relações igualitárias, antepondo-se à produção de seres tirânicos ou servís, que o Estado, o capital e as igrejas incessantemente realizam para se auto-reproduzirem. Tal reflexão esclarece a importância vital da conquista cultural e pedagógica para o anarco-comunismo.

A primeira experiência educacional anarquista foi efetivada no Orfanato de Cempuis, por Paul Robin (1837-1912), e inspirou todas as subsequentes. Grandes estudiosos da pedagogia libertária, como Dommanget (1972), Palácios (1981), Tomasi (1988) e Raynaud e Ambauves (1978) são unânimes ao apontar a prática-teórica de Robin no Orfanato de Cempuis como a aurora da pedagogia libertária. Leitor de Rousseau e adepto do cientificismo, Robin absorve pontos fulcrais do anarco-comunismo, como o pacifismo, o internacionalismo, o apoio à emancipação feminina, o ensino integral. Aos vinte anos registrou a seguinte reflexão:

(...) Que fiz eu para ser melhor tratado do que um proletário? Para conhecer as artes e as ciências? Não merecem todos os trabalhadores como eu desfrutar das

alegrias intelectuais? (...) O dever sagrado, o primeiro de todos é trabalhar sem descanso para acabar com as misérias que lhes aplastram. (apud TOMASI, 1988, p. 174)

No boletim do Orfanato, de 1890, ele escreveu:

(...) A educação integral, sem ter a pretensão de fazer de todos cientistas, (...) tem a intenção de propiciar o nascimento e desenvolvimento de todas as faculdades da criança, para incutir-lhe somente idéias exatas. Porém, depois de ter oferecido a todos esta base indispensável e objetiva, deixa a cada um a tarefa de completar seu desenvolvimento segundo as circunstâncias, as necessidades, as iniciativas pessoais e de aproximar-se do saber e do ofício só naquelas áreas das quais depende a satisfação de suas necessidades físicas e morais. (apud TOMASI, 1988, p.175)

Ao longo de quatorze anos dirigindo Cempuis, Robin criou meios institucionais de defesa da liberdade da criança, favorecendo a expansão de suas múltiplas potencialidades. Praticando a educação integral, articulou o trabalho manual e o intelectual em aulas ao ar livre, junto à natureza. A inovação das colônias de férias junto ao mar visava o desenvolvimento moral; praticava-se a co-educação sexual, a formação científica e artística, com ênfase na educação musical. Robin tinha repugnância pelos exames, notas e competições. O relacionamento com os alunos era anti-hierárquico, com base na solidariedade, considerada a virtude mais importante por ser fundamental à vida social. Seu trabalho em Cempuis foi a semente de uma plêiade de notáveis educadores que muito contribuiriam para o aperfeiçoamento libertário das práticas e concepções da pedagogia contemporânea, a partir de Sebastien Faure e Francisco Ferrer, chegando a Célestin Freinet. Robin sofreu perseguição feroz da Igreja e dos poderes locais, o que o forçou a abandonar Cempuis. Todas as crianças que por lá passaram preservaram pela vida afora a memória do tempo em que lá viveram, tendo obtido melhorias comprovadas na saúde e um aproveitamento escolar muito superior ao período que antecedeu a presença de Robin. Para Dommanget (1972, p. 349), Paul Robin foi “uma das maiores figuras, senão a maior, da pedagogia socialista, e uma figura esquecida.”. Continuidor da obra de Robin, Sebastien Faure, em La Ruche, instituiu a imprensa na escola e editou um opúsculo de canções, coros, e comédias para crianças.

Francisco Ferrer y Guardia talvez seja a síntese da educação libertária e seu símbolo mais radical. Criador das Escolas Racionalistas ou Modernas, na Espanha, em 1901, por elas lutou até seu assassinato político em 1909. Como frisa Jesus Palácios (1981), grande estudioso da pedagogia socialista, Ferrer herda toda a tradição educacional libertária, de Godwin a Kropotkin, passando por Stirner e Bakunin. Em Paris conviveu com muitos anarquistas célebres, entre os quais Paul Robin e Kropotkin. Os fundamentos da pedagogia de Ferrer eram a co-educação de sexos e de classes, a

ausência de prêmios e castigos, a educação integral, o ensino com base na ciência e não em princípios religiosos, a formação permanente do caráter, o cultivo da vontade, a harmonia corpo-intelecto-moralidade, fundada sempre nos exemplos e na grande lei natural da solidariedade; a educação infantil devia adotar métodos que considerassem a psicologia da criança. Sua obra é de um valor inestimável para a emancipação humana e incluía uma casa editorial, que publicava mensalmente os Boletins das Escolas, entre 1901 e 1906. A influência de Ferrer irradiou-se pelo mundo. Na Ucrânia o grande combatente libertário camponês Nestor Makhno chegou a fundar uma escola racionalista. No Brasil, foram criadas inúmeras escolas inspiradas nas Escolas Modernas. Segundo Edgar Rodrigues (1992), entre 1895 e 1925 foram criadas no Brasil, e não só nas regiões mais industrializadas, quarenta escolas libertárias. Os anarquistas projetavam criar outro sistema de ensino, oposto em tudo ao privado e ao estatal. A repressão do Estado, as políticas da III Internacional e as mudanças profundas no quadro político-econômico internacional, com a derrota libertária na guerra civil espanhola, a ascensão nazi-fascista e a eclosão da II Guerra mundial foram importantes causas da derrota do projeto ácrata inclusive no Brasil.

A interligação radical educação-cultura define a tradição libertária, que desenha o campo da educação como a possibilidade de acesso à cultura a todos os homens, constituindo-os como sujeitos ativos da produção cultural e da recriação permanente de si mesmos e da vida social.

2 HISTORIOGRAFIA E EDUCAÇÃO ANARQUISTA NO BRASIL

A reflexão histórica sobre a educação libertária perpassa por duas questões fundamentais: sua presença/ausência no campo da história da educação e, conseqüentemente, a busca por fontes de pesquisa que propiciem sua historiografia.⁴ O âmbito teórico englobado pelas atuais discussões em história da educação converge para o processo de reconfiguração desse campo, no que concerne a seus paradigmas teórico-metodológicos. Diversos pesquisadores, nas duas últimas décadas do século XX, ao revisitarem o discurso da historiografia da educação brasileira, detectaram a necessidade de reconfigurá-lo, por meio de redefinições temáticas, conceituais e metodológicas, críticas a sua composição tradicional (CARVALHO, 2001, p.329). Esse processo recuperou e questionou a gênese da história da educação como disciplina autônoma no próprio campo educacional, tradicionalmente subordinada a uma proposta moralizadora e apartada da investigação histórica. Foi nessa perspectiva que estudiosos, ao tratarem da problemáti-

⁴ A busca por instrumentos de pesquisa no campo da História da Educação brasileira confere significativa importância a espaços como o Centro de Memória da Educação – CME, centro de documentação vinculado a pesquisas acadêmicas desenvolvidas na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, que, desde 1998, realiza atividades de organização e preservação de acervos e documentação em educação.

ca da gênese da história da educação, apontaram os “constrangimentos teóricos e institucionais que marcaram o processo de institucionalização da história da educação como disciplina acadêmica e campo de pesquisa.” (CARVALHO, 2001, p.380). Segundo essa perspectiva, os fatores que legitimam esse estado de coisas são a ausência secular e a implementação tardia de instituições universitárias de ensino superior no país e o deslocamento da história da educação do campo da pesquisa historiográfica.

Tais proposições deram relevo à importância do trabalho com fontes documentais para a construção historiográfica, trabalho que é reverberado num amplo campo teórico. Conferiu-se, assim, à história da educação o status de área de especialização da história, o que não refuta a pedagogia, mas promove “um deslocamento que cria um novo ângulo de apreensão das questões pedagógicas saturadas de historicidade.” (CARVALHO; NUNES, 1992, p.32). Nesse sentido, faz-se necessário à historiografia do campo da educação o cotejamento de informações provenientes de fontes primárias – tais como as produzidas pelo funcionamento das instituições escolares e pela trajetória de vida de educadores – e a literatura já consolidada, uma vez que, sem a pesquisa arquivística, essa historiografia, “no limite, sucumbe ao risco de girar ao redor de idéias mal-esclarecidas e de estereótipos cristalizados, que se produzem em artigos e livros.” (CARVALHO, 2001, p. 32).

Nesse mesmo eixo interpretativo, encontrar-se-á flexibilidade para a incorporação de referenciais pedagógicos pouco explorados pelo discurso historiográfico da educação, como aquele sobre o qual se debruça este artigo, isto é, a memória da educação anarquista no Brasil. A literatura sobre educação libertária no Brasil pode ser conhecida com base em duas matrizes: uma proveniente da militância política dos próprios libertários e outra advinda do universo acadêmico. A primeira nasce da preocupação de pensar a própria prática e divulgar no movimento as experiências pedagógicas libertárias. Tais estudos têm como fontes documentais os jornais, panfletos e outros registros produzidos pelo movimento libertário, como os arquivos pessoais de militantes. Referências importantes nesse âmbito são as obras de Edgar Rodrigues, Edgar Leuenroth e Maria Lacerda de Moura. Na fronteira entre o mundo da militância e o da universidade, há que se destacar a produção de Maurício Tragtenberg que, além de militante, foi um dos mais destacados cientistas sociais da segunda metade do século XX, no Brasil. Seu artigo *Francisco Ferrer e a pedagogia libertária*, publicado em 1981, no primeiro número da revista *Educação e Sociedade*, marca o ingresso da reflexão sobre educação anarquista na vida acadêmica no Brasil. Um estudo pioneiro sobre a importância do anarco-sindicalismo no Brasil foi feito pelo sociólogo Azis Simão, na década de 1970.⁵

⁵ Dentre os trabalhos produzidos a partir de 1980, há que se destacar os de Flávio Luizetto – Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional (1984) –,

Dentre as fontes documentais geralmente utilizadas em história da educação, destacam-se as pesquisas fundamentadas em arquivos escolares. A história da educação anarquista tem como principal referência arquivística os documentos da Escola Moderna n.1, conservados pelo contínuo trabalho do educador anarquista João Penteadado. A ação de práticas repressivas e o controle ideológico elidiram essa página da história brasileira, e dela suprimiram as menções às lutas sociais vinculadas ao anarquismo. Daí a importância de se desenvolver um trabalho de conservação, disponibilização e pesquisa documental, como vem fazendo o grupo de pesquisa sediado no Centro de Memória da Educação – CME – FEUSP.⁶

3 AS ESCOLAS MODERNAS NO BRASIL: HISTÓRIA E IDEÁRIO

As escolas libertárias no Brasil seguiram a proposta pedagógica engendrada pelo catalão Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), idealizador da *Escuela Moderna de Barcelona* (1901-1906). A primeira foi a *Escola União Operária*, fundada no Rio Grande do Sul em 1895, provavelmente originária da iniciativa dos ex-integrantes da Colônia Cecília, como indica Edgar Rodrigues (1992). Houve também uma escola fundada em homenagem a Elisée Reclus, quando ele passou pelo Brasil – *Escola Elisée Reclus*, em Porto Alegre. Em Santos, em 1904, a União Operária dos Alfaiates fundou a *Escola Sociedade Internacional* e a Federação Operária, a *Escola Noturna*, em 1907. A *Escola Libertária Germinal* foi fundada em São Paulo, em 1903 e, como tantas outras, seguia o método da *Escola Moderna* de Barcelona. Em 1904, ocorreu a fundação da *Universidade Popular*, no Rio de Janeiro. Essas são apenas algumas das iniciativas educacionais dos anarquistas espalhadas por todo o Brasil.

As iniciativas de cunho educacional agregaram tanto militantes imigrantes – como Oreste Ristori, Gigi Damiani, Florentino de Carvalho, Adolfo Lima e Neno Vasco – quanto brasileiros – como Edgar Leuenroth, Octávio Brandão, Adelino de Pinho, João Penteadado, José Oiticica, Rodolfo Felipe, Zeferino Oliva, Pedro Catalo, entre outros. Dentre estes, Adolfo Lima, João Penteadado, Adelino de Pinho e Florentino de Carvalho estiveram diretamente

Francisco Foot Hardman – Nem pátria, nem patrão!: vida operária e cultura anarquista no Brasil (1983)

–, Antonio Amoni Prado – Libertários no Brasil: memórias, lutas, cultura (1985), Fernando C. Prestes Motta – Burocracia e auto-gestão: a proposta de Proudhon (1985).

⁶ Grupo de pesquisa sobre Educação e Cultura Anarquistas em São Paulo: o Arquivo João Penteadado – coordenado pela Profa. Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes, composto pelas Profas. Dras. Doris Accioly e Silva e Cecília Hanna Mate, pela arquivista Iomar Barbosa Zaia e pelos pós-graduandos Luciana Eliza dos Santos, Ana Paula Martins, Fernando Antonio Peres, Tatiana Calsavara, Débora Pereira de Souza, Flavia Andréa Machado Urzua, Sadhu Vicencio e Daniel Righi. Pesquisa desenvolvida sob os auspícios do CNPq.

relacionados ao funcionamento de escolas libertárias, sobretudo em São Paulo. Com a mesma proposta de levar o trabalhador à sua formação integral e consciência de classe, eclodiram diversas bibliotecas populares, centros de estudos, centros de cultura social, grupos de teatro, centros libertários, sem mencionar os variados jornais – mensais, semanários, diários, revistas – que obtiveram significativa ressonância na classe operária e na sociedade da época – tais como: *A Plebe*, (São Paulo), *A Hora Social* (Recife), *Voz do Povo* (Rio de Janeiro), *Vanguarda* (São Paulo), *A Lanterna* (São Paulo), *O Amigo do Povo* (São Paulo), *A Terra Livre* (São Paulo/Rio de Janeiro), *La Bataglia* (São Paulo), entre muitos outros.

Em São Paulo, ocorreu a criação do Comitê Pró-Escola Moderna concomitante e associada aos protestos ocorridos no Brasil e no mundo, a partir de 1909, contra a condenação e o fuzilamento de Francisco Ferrer, em 13 de outubro de 1909. O comitê envolvia dirigentes e militantes do movimento operário, anarquistas, profissionais liberais e maçons, com o objetivo de levantar fundos, divulgar a educação racionalista e fundar escolas inspiradas na *Escola Moderna* de Barcelona. As escolas idealizadas por esse comitê tinham como público alvo os anarquistas, seus familiares, filhos de operários, operários analfabetos ou a quem interessasse a proposta libertária. Ofereciam curso primário, aulas de português, inglês, datilografia, aritmética. Em São Paulo houve duas Escolas Modernas cujo processo de implantação ocorreu a partir do comitê; são elas a *Escola Moderna n. 1*, no Belenzinho, dirigida por João Penteado e a *Escola Moderna n. 2*, no Brás, dirigida por Florentino de Carvalho e posteriormente Adelino de Pinho. Ambas foram fundadas entre 1912 e 1913 e funcionaram até 1919, seguindo a mesma proposta.

O ensino libertário fez cooperarem a escola, a imprensa e a família. Um começo, um pequeno passo para o processo de mudança social. Em 1919, as duas escolas atendiam aproximadamente a 150 alunos, confirmando a opinião de um dos colaboradores do *Boletim da Escola Moderna*, n.2, de 1919: “caminhamos, a passos largos, para a realização do ideal pelo qual Ferrer morreu”.

Entretanto, no final do mesmo ano, o diretor geral da instrução pública de São Paulo, Oscar Thompson, determinou o fechamento das escolas. A justificativa se apoiou num fato ocorrido em outubro de 1919: a explosão de bomba na Rua João Boemer, na qual morreu José Alves, regente da escola de São Caetano. Em um ofício encaminhado ao Sr. João Penteado, Oscar Thompson argumentou:

(...) Tendo sido verificado, pela secretaria de justiça e segurança pública, que as escolas modernas, de que sois diretor, visando a propagação de idéias anárquicas e a implantação do regime comunista, ferem de modo iniludível a organização política e social do país, (...) Hei por bem não só cassar a autorização de funci-

onamento concedida à vossa escola, à avenida Celso Garcia, nº 262, a qual, de hoje em diante, sob as penas de lei, está proibida de funcionar, bem como intimidar-vos a fechar do mesmo modo, imediatamente, desde hoje, em caráter definitivo, a Escola Moderna n.º 2, que instalastes e fizestes funcionar sob a regência de Adelino de Pinho. (Arquivo João Penteado – pedido de habeas corpus de João Penteado)

Tais argumentos foram refutados pelo professor João Penteado em ofício encaminhado ao Dr. Miguel José de Brito Bastos, ministro do Supremo Tribunal de São Paulo:

(...) O anarquismo é a mais alta, a mais sublime e a mais dignificante expressão do ideal comunista concebido e divulgado pelos seus grandes apóstolos tais como: Tolstói, Kropotkin, Eliseu Reclus, A. Ramon, Jean Grave, Sebastian Faure e tantos outros, cujas obras literárias e científicas constituem atestado da superioridade moral dos ideais anarquistas sobre todos os outros princípios filosóficos, políticos e sociais até hoje pregados entre os homens. (Arquivo João Penteado – correspondência)

Em 1919, foi forte o cerco aos anarquistas e ao ensino estrangeiro. A perseguição às escolas estrangeiras e ao caráter heterogêneo e particular de diversas instituições escolares espalhadas pelo país teve como principal justificativa a preocupação das elites intelectuais em nacionalizar o ensino no Brasil.

Para a Escola Moderna n.2, esse fato marcou seu definitivo encerramento. Já a Escola Moderna n.1 teve possibilitada sua reabertura, no mesmo bairro, por João Penteado, seus irmãos Joaquim Penteado e Sebastiana Penteado, também educadores e administradores da escola. A escola foi reaberta com o nome *Escola Nova*, em 1920, de forma que os ideais educacionais propostos pela Escola Moderna não foram mais explicitados. Em 1923, a Escola Nova oferecia curso primário e médio, cursos de comércio e datilografia:

(...)em 1923, já tendo criado, primeiro, o curso de datilografia, que obteve verdadeiro êxito, foi então dado início ao ensino comercial, cujo desenvolvimento excedeu a todas expectativas, (...) Depois de algum tempo, com a generalização do nome academia, indevidamente adotado por quase todas as escolas de ensino comercial de São Paulo, Rio de Janeiro e outras partes do país e, principalmente atendendo à reclamação de seus alunos que com a anterior denominação se sentiam diminuídos em sua vaidade, a instituição, que se achava na rua Saldanha Marinho, resolveu mudar sua antiga denominação para a atual, que ficou sendo Academia de Comércio Saldanha Marinho. (O Início, 1937 – Arquivo João Penteado)

A escola manteve-se sob a direção de João Penteado até 1958, quando, por conta de sua idade avançada, transmitiu a direção a seus herdeiros. Durante a gestão de João Penteado, a escola manteve algumas práticas que

podem ser associadas ao ideário anarquista – como saídas de estudos, piqueniques, exibição de um cinema educativo para a comunidade, entre outras.

Embora pouco se conheça sobre a trajetória de vida dos educadores que participaram da experiência da educação libertária no Brasil, há pesquisas sendo feitas para suprir essa lacuna.

Quanto a João Penteado – educador, anarquista e espírita – sabe-se que nasceu em 1877, em Jaú, interior paulista, onde obteve formação primária e prosseguiu seus estudos como autodidata. No despontar do século XX, a participação na imprensa (jauense e paulistana) como jornalista, e no campo educacional como educador, levaram João Penteado a ser reconhecido entre os intelectuais libertários da época. Essa posição conduziu-o à direção da *Escola Moderna n.1 (1912 – 1919)*, na capital paulista. Após o fechamento da escola, João Penteado deu prosseguimento à sua vida de educador, criando outras instituições escolares mencionadas, até 1958. Em 31 de dezembro de 1965 faleceu, ainda residente no prédio da escola e participante de sua rotina diária.

Ao lado de seu caminho como educador, foi atuante na imprensa, sobretudo naquela ligada à difusão do movimento libertário. Foram localizados textos de sua autoria no jornal *O'alpha*, na coluna *Vida Jauense*, entre 1909 e 1910. A partir desse período foram também identificados diversos textos de sua autoria nos jornais *A Lanterna*, *A Terra Livre*, *A Vida*, *A Rebelião*, *Guerra Social*⁷ tratando, sobretudo, de educação libertária. João Penteado publicou também os livros: *Pioneiros do Magistério Primário (1944)*, *Digressão Histórica através da Vida de Jaú e Esboço Histórico da Epopéia do Hidro-Avião Jaú (1953)*, *Biografia de Bento de Siqueira (1951)*.

A participação de Penteado como jornalista não se limitou à questão social; foi amplamente voltada à sua orientação espiritual. Penteado foi diretor e redator do jornal espírita intitulado *A Nova Revelação* e contribuiu para a publicação de artigos no jornal também espírita *O Natalício de Jesus*, ambos na década de 10 do século XX, filiados à União Espírita do Estado de São Paulo (Arquivo João Penteado).

O anarquismo é um corpo poliédrico de práticas e concepções. Sempre abrigou a pluralidade, fazendo conviver o ateísmo, o cristianismo, esoterismos de várias espécies, sob o manto do respeito às singularidades unidas na luta anti-clerical, anti-estatal e anti-capitalista.

⁷ Foram localizados os seguintes textos de autoria de João Penteado: *As Escolas e sua influência social*, *A Vida*, 1914; *Os Detratores de Ferrer: fustigando um miserável tartufo*, *A Lanterna*, 1918; *A pátria e as Guerras*, *A Rebelião*, 1914; *A Instrução e o problema social*, *Guerra Social*, 1912; *O militarismo e sua nefasta influência*, *A Guerra Social*, 1912; *Ferrer, A Plebe*, 1917; 13 de outubro, *A Plebe*, 1921. Há uma série de outros artigos organizados em seus cadernos de anotações que não apresentam a identificação dos jornais nos quais foram publicados.

4 ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO JOÃO PENTEADO

O arquivo João Penteado foi doado ao CME pelos herdeiros e últimos diretores do colégio Saldanha Marinho – Marli Alfarano e Álvaro Alfarano – em março de 2005.⁸ Os primeiros passos do processo de conservação documental consistiram na organização, higienização e discriminação material – tratava-se de documentos variados, em suporte papel (fotos, textos datilografados, jornais, documentos administrativos) e de objetos (peças de mobília escolar e instrumentos de laboratório de ciências). Essa organização prosseguiu em duplo sentido: desenvolver um raciocínio arquivístico, com o objetivo de encontrar uma possível ordenação orgânica das fontes e, ao mesmo tempo, adentrar os seus conteúdos, conjecturando possíveis temas de pesquisa historiográfica. A busca pela organicidade das fontes propiciou a descoberta de um duplo caráter do arquivo, que agrega tanto documentos de natureza institucional, quanto pessoal – estes pertencentes ao professor João Penteado. A formação do arquivo não se encerrou com a primeira doação; ao longo dos últimos três anos, foram feitos recolhimentos diversos pela equipe do CME, em diálogo constante com os herdeiros-doadores, de forma a agrupar o conjunto documental de maneira aproximada à sua geração original na instituição. A organização permanente conta com o projeto final de produção de um inventário sintético de fontes documentais de parte do arquivo em suporte papel (num recorte temporal de 1900 a 1958).

Por ser o arquivo João Penteado constituído de documentos pessoais e institucionais, optou-se pela discriminação desses documentos e ordenação conforme a mencionada divisão:

4.1 ARQUIVO PESSOAL

O arquivo pessoal do educador João Penteado constitui-se de fontes documentais de grande relevância para pesquisa em história da educação e história social do anarquismo, por englobar campos diversos da produção intelectual desse educador, sua visão política de sociedade e por remeter à formação e repercussão do anarquismo no Brasil. As fontes do arquivo pessoal de João Penteado abrangem os seguintes documentos: textos (datilografados, manuscritos, impressos); correspondências (datilografadas, manuscritas), imagens (fotografias e cartões postais) e periódicos (jornais e revistas).

⁸ A Escola Moderna Nº1 funcionou entre 1912 e 1919, quando foi fechada por intervenção governamental. Adotou-se o nome Saldanha Marinho (Academia de Comércio Saldanha Marinho, Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho, entre outras nomenclaturas, vinculadas às mudanças na legislação educacional, ao longo dos anos). A escola existiu até 2002, com o nome de Colégio Saldanha Marinho.

Uma parte dos textos foi escrita pelo próprio João Penteadado ao longo de sua vida e é veículo de suas idéias políticas, sociais e pedagógicas. Pode-se classificá-los, genericamente, como textos literários (líricos, narrativos, ensaísticos e dramáticos) –, biográficos e jornalísticos (informativos ou crônicas). As versões que constituem seu arquivo pessoal são datilografadas ou manuscritas – minutas de textos cujo objetivo teria sido a publicação. Os temas recorrentes nesses textos são também os mais caros tratados pela tradição anarquista mundial, como, por exemplo, o internacionalismo, o pacifismo, o amor à natureza, combate aos vícios, a formação do caráter pelo elogio das virtudes, sendo a solidariedade a mais importante.

Além dos textos, há uma significativa correspondência de João Penteadado com amigos e familiares, que remete à sua trajetória de vida e à permanência do anarquismo no grupo social do educador e no Brasil, ainda que numa dimensão muito menor da que tivera nas primeiras décadas do século XX. Entre as correspondências, há ofícios remetidos e recebidos de diversas instituições.

As fotografias recuperam parte da biografia de João Penteadado e ilustram algumas de suas viagens, sua presença em eventos, bem como momentos pessoais diversos, como passeios no campo. Há também os diversos cartões postais recebidos de amigos, a partir de 1908. Os periódicos são recortes de distintos jornais paulistas, acumulados por João Penteadado: exemplares dos jornais espíritas *Nova Revelação* e *o Natalício de Jesus* e do jornal libertário português *Aurora*.

4.2 ARQUIVO INSTITUCIONAL

É composto pela documentação administrativa, fotos e pelos jornais *O Início*, produzido pelos alunos, sob a orientação do professor João Penteadado, e *Boletim da Escola Moderna*, produzido por educadores. Há também peças museológicas como quadros, objetos do laboratório de química da escola, uma máquina de escrever do curso de datilografia, entre outros. Essas séries documentais foram acumuladas na instituição ao longo de sua existência (os documentos datam de 1900 a 1970).

O arquivo institucional está dividido em cinco fundos:⁹

- Escola moderna (EM)
- Escola nova (EN)
- Academia de Comércio Saldanha Marinho (ACSM)
- Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho (ETCSM)
- Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho (GETSM).

⁹ Conforme nomenclatura específica que designa momentos distintos da instituição.

A organização do arquivo institucional, por concernir ao funcionamento administrativo da escola, apresenta certas complexidades que não poderiam ser desconsideradas. Assim, buscou-se ordenar as fontes de acordo com sua função no espaço das práticas e fazeres escolares. Com base em sua correlação a cada fundo, a documentação foi organizada em classes, tais como secretaria, inspeção, turma de alunos e professores e eventos.

A constituição/organização do arquivo João Penteadado, no CME, pode proporcionar contribuições significativas às atuais pesquisas em história da educação libertária no Brasil, uma vez que é constituído de documentos inéditos e remete à experiência da Escola Moderna em São Paulo a partir de sua idealização, planejamento, concretização e extinção. Permitirá, além disso, o desenvolvimento de pesquisas para verificar a continuidade de um projeto educacional que nasceu com a Escola Moderna e pode ter se expressado nas outras instituições escolares criadas por João Penteadado, após 1919, ano em a Escola Moderna foi extinta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNONI PRADO, A.; FOOT HARDMAN, F. *Contos Anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAKUNIN, M. *Dios y el Estado*. Barcelona: Jucar, 1978.
- _____. “A educação integral”. In: MORIYÓN, F. G. (Org.) *Educação libertária*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CARVALHO, M. M. C. A configuração da historiografia educacional brasileira. In: *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. Revisitando a historiografia educacional brasileira. In: MENEZES, M. C. (Org.). *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- CARVALHO, M. M. C.; NUNES, C. *Historiografia da educação e fontes. Cadernos da Anped*. Rio de Janeiro, n.5, 1993.
- DOMMANGET, M. *Los grandes socialistas y la educacion: de Platón a Lenin*. Madrid: Fragua, 1972.
- FERRER Y GUARDIA, F. *La escuela moderna*. Madrid: Zero, 1978.
- GALLO, S. *Educação anarquista: um paradigma para hoje*. Piracicaba: UNIMEP, 1995.
- HARDMAN, F. *Nem pátria, nem patrão!* São Paulo: UNESP, 2002.
- JOMINI, R. C. M. *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha*. Campinas: Pontes/ UNICAMP, 1990.
- LEUENROTH, E. *Anarquismo: roteiro da libertação social / Antologia de doutrina crítica, história, informações*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.
- LITVAK, L. *Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español*. Madrid: Fundación Anselmo Lorenzo, 2001.

LUIZETTO, F. V. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920*. (Tese de Doutorado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

MOURA, M. L. *Ferrer e o clero romano e a educação*. São Paulo: S.N, 1934.

PALACIOS, J. *La cuestión escolar*. Barcelona: Laia, 1981.

RAYNAUD, J. M.; AMBAUVES, G. *L'éducation libertaire*. Paris: Spartacus, s/d.

RODRIGUES, E. *O anarquismo na escola, no teatro e na poesia*. Rio de Janeiro: Archiamé, 1992.

TRAGTENBERG, M. *Planificação desafio do século XX*. São Paulo: Senzala, 1967.

TOMASI, T. *Breviario del pensamiento educativo libertario*. Cali: Carvajal, 1988.

WARDE, M. J. *Liberalismo e educação*. 1984. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.